

ENTRE ADÃO E EVA EU SOU A COBRA: A NÃO BINARIEDADE COMO UMA IDENTIDADE DE GÊNERO (TR)ANCESTRAL

Eixo Temático 25 - Insurgências de Corpos e Saberes: Perspectivas Pedagógicas Decoloniais e Queer (Cuir) na Construção de Poéticas Outras da Revolta

Lucas Silva Dantas ¹

RESUMO

Este artigo tem como objetivo compreender a Não Binariedade enquanto uma identidade de gênero, buscar suas relações transcestrais e perceber sua possibilidade de somar na luta histórica construída pelas Travestis, Mulheres Transexuais e Homens Trans. Essa pesquisa se constrói através da minha autoetnografia enquanto uma pessoa Trans Não Binária e da pesquisa bibliográfica em contato com referências decoloniais e saberes do movimento LGBTI+ no entendimento da Não Binariedade enquanto uma identidade de gênero. A partir dessa articulação entre vivência, pesquisa e transcestralidade este artigo está organizado em quatro partes: O sistema binário que vigia e pune; A Não Binariedade como uma identidade trans; A necessidade de luta e articulação política; A cobra e a encruzilhada.

Palavras-chave: Não Binariedade, Identidade de gênero, Trancestralidade.

INTRODUÇÃO

“Essa tradição deve ser erradicada antes de chegar aos livros de história”, essa é a sentença que compõe uma das cartas escritas pelo artista norte-americano George Catlin sobre as identidades two-spirits (dois espíritos), encontrada entre os Navajo, os

¹ Doutorande em Educação: História, Política, Sociedade pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – SP, lucaseducadore@gmail.com;

Cheyenne, os Cherokee, os Lakota, os Ojibwa e os Zuni nas sociedades indígenas norte americanas. A imposição da colonização europeia e os ideais de moralidade cristã acerca do gênero, espiritualidade, entre outras normas culturais e sociais, impuseram nos povos colonizados a exclusão de identidades que não poderiam ser enquadradas na lógica binária e cisgênera, assim como baniu qualquer forma de “sexualidade desviante” praticada por aquele povo.

Antes da narrativa de Adão e Eva chegar com as caravelas nós já éramos cobras serpenteando pelas frestas do mundo. Por isso digo que a Não Binariedade é a minha identidade, minha forma de estar no mundo, de me posicionar no mundo, é a minha poética, a minha solução, o meu despertencimento radical diante de um sistema² criado de forma binária para impossibilitar que possamos existir nessas frestas e nesses entres, que exista a possibilidade de migrar desses polos onde fomos circunscritas quando fomos designadas no nascimento de forma compulsório pelo nosso genital.

A minha forma de lidar com a Não Binariedade não é dizer o que ela é com o objetivo de demarcar um lugar que deslegitime outras narrativas e construções do que ela também pode ser. Acho que nós nos incomodamos demais em cercar e cercar uma identidade ao invés de pensar que estamos sendo cercadas desde o nascimento pelo cis-heteroterrorismo³. A intenção aqui é compor com um arsenal de materiais e posicionamentos que estão sendo construídos neste momento histórico sobre uma identidade que necessita de articulação política e contribuições distintas sobre suas formas de se posicionar no mundo. Sendo eu uma pessoa Trans Não Binária, pesquisadora de gênero e sexualidade na educação, busco aqui contribuir de forma a somar e provocar este debate.

A emergência das identidades trans, travestis e transexuais⁴ circunscreve na história do mundo o fracasso do genital como a verdade do gênero e a falácia de que nascemos homens ou mulheres imutáveis. Fomos construídas a partir de uma leitura genitalizante, que atravessa os corpos diádicos e intersexuais de formas distintas,

² Aqui entendemos o cis-tema escrito com o prefixo cis se referindo as políticas de normalização da cisgeneridade colocando as vidas trans, travestis e transexuais no lugar da violência e da marginalização.

³ Heteroterrorismo, conceito criado por Berenice Bento (2017) para falar sobre a compulsão da heterossexualidade, acrescido o cis como marcador também da compulsão de gênero.

⁴ A escolha em utilizar esse termo se deve as diversas identificações existentes dentro da transexualidade, travestilidade, transgeneridade. Considerando identidades que se reconhecem como transexuais, como travestis ou como apenas trans.

demarcando o genital como a verdade de uma identidade feminina/masculina imutável, criando assim o sistema sexo/gênero (RUBIN, 1993). Verdade essa que é desmontada, desmantelada, destruída, a partir do momento em que as corporalidades trans, travestis e transexuais reivindicam uma existência outra daquela que foi demarcada no seu nascimento, elas instauram uma cratera, uma fenda, um buraco, uma tensão, um desmonte deste sistema de impossibilidades.

O genital já não é mais a verdade do gênero, não se nasce homem ou mulher, as características biológicas, estéticas, físicas, entre outras, também não são a verdade do gênero. Não há um lugar imutável de onde não se pode mudar. Uma verdade foi destruída. A impossibilidade foi bebida num gole de aguardente e transformou-se numa grande encruzilhada. É possível ser, é possível não ser, gênero é autodeterminação.

Partindo deste pressuposto, este artigo tem como objetivo investigar a Não Binariedade como uma identidade de gênero transcestral, utilizando o recurso da autoetnografia enquanto uma pessoa Trans Não Binária e a pesquisa bibliográfica como meio de capturar produções feitas por pessoas LGBTI+ sobre a Não Binariedade e suas diversas possibilidades de existência e expressão no mundo.

Esses dois recursos servem também para pensar quais são as possibilidades de inserção da luta não binária no movimento político organizado pelas travestis, mulheres transexuais e homens trans historicamente dentro do ativismo, dos movimentos sociais e das organizações não governamentais existentes. Para trilhar este caminho o texto está organizado em quatro partes: O sistema binário que vigia e pune; A Não Binariedade como uma identidade trans; A necessidade de luta e articulação política; A cobra e a encruzilhada. O objetivo é produzir uma crítica, uma proposta e uma aposta num futuro que já se faz presente em nossos corpos transcestrais.

O SISTEMA BINÁRIO QUE VIGIA E PUNE

Estudo numa Universidade que se localiza num prédio de cinco andares onde existe apenas um banheiro unissex, localizado no primeiro andar. Minhas aulas costumam se localizar nos últimos andares o que impede muitas vezes de conseguir descer até o primeiro para acessar o único banheiro unissex que existe.

Numa destas impossibilidades fui obrigada, como em muitas outras vezes, a escolher entre o banheiro feminino ou masculino. Sendo uma pessoa Trans Não Binária⁵ sinto que essa é uma das maiores violências que implico ao meu corpo. Colocar na balança a necessidade de medir o que eu me recuso a adentrar, assim como tenho que me posicionar muitas vezes diante dos pronomes, das filas, das infinitas escolhas que nos enquadram dentro da binariedade.

Adentrei o banheiro masculino na urgência de utilizar simplesmente uma cabine do banheiro quando me deparo com um homem, branco, cisgênero, diante do espelho que profere num tom de voz alta e grossa: OXI! SERÁ QUE EU ESTOU NO BANHEIRO ERRADO? ESSE AQUI É O BANHEIRO MASCULINO? OXI! VOCÊ TÁ NO BANHEIRO ERRADO!

Nesse meio tempo eu me poupei de cruzar o olhar ou ter que responder a sentença que fui interpelada, adentrei a cabine e ele continuou esbravejando a sua indignação em não entender se eu era uma mulher cis e tinha entrado no banheiro masculino, se aquele de fato era o banheiro feminino e ele era quem estava errado, se o meu corpo estava num espaço que não era para ele. Ele continuou esbravejando e foi diversas vezes olhar a placa do banheiro, enquanto eu presa na cabine me recusava a sair.

Dentro da cabine repensei o meu corpo e a minha identidade, retomei o meu pensamento de que talvez eu não tivesse que ter entrado ali, que na verdade o meu corpo não pertencia mais a nenhum daqueles espaços, embora todos eles me sejam de direito. O barulho dos seus movimentos, da torneira aberta, dos seus passos e dos seus resmungos fez com que eu não sáísse da cabine até que o banheiro se aquietasse e eu percebesse que não existia mais ninguém ali com quem eu precisasse dar uma satisfação, explicar que não sou homem e nem mulher, ou mesmo guerrear, bater boca, sair no soco, no tapa.

Naquele dia voltei para a aula e simplesmente não conseguia pensar em mais nada, olhava para todos as pessoas cisgêneras que estavam em minha volta e não

⁵ Aqui utilizo o termo Trans Não Binária por reivindicar que a Não Binariedade faz parte do escopo das identidades trans, travestis e transexuais, ou como inscrito por Erika Hilton, transvestigênera. Reiterando a complexidade de dizer isso e entendendo pessoas Não Binárias que não se veem enquanto um corpo trans.

conseguia comunicar com nenhuma delas a minha dor. Aquela violência atravessou o meu corpo ao mesmo tempo em que eu ria da possibilidade de fazer com que um homem cis se perguntasse se ele estava realmente no banheiro certo, porque eu pergunto isso a mim mesma todos os dias da minha vida.

Eu ria por conseguir devolver essa interpelação, a possibilidade de que ele pensasse no que nunca foi obrigado a pensar, a minha passagem desorientou as marcações e demarcações do que era o feminino ou o masculino, e saber de tudo isso não me livrou da dor. Também não me livra da dor estar aqui escrevendo sobre tudo isso de novo, mas eu confesso que não vejo outra saída, esse é talvez um dos poucos caminhos que tenho encontrado para questionar desde que entrei no espaço acadêmico.

Questionar se realmente esse mundo é para nós ou nós é que não somos para esse mundo. Me vejo observando o meu pleno despertamento com as formas que se organizaram a vida. Os banheiros binários, as lojas de roupas separadas em alas binárias, as cores binárias, os genitais lidos como binários, os nomes enquadrados como binários, a estética lida como binária, as certidões e registros nos demarcando como binárias, as orientações sexuais reivindicando lugares binários, os chás de revelações binários, os brinquedos binários, os formulários binários, as energias e divindades enquadradas como binárias.

O mundo binário, que todo dia me obriga a questionar o meu nascimento, a minha identidade, a minha forma de estar no mundo, que me obrigam a nascer de novo, como as palavras de Stela do Patrocínio: “Não sou eu que gosto de nascer. Eles é que me botam para nascer todo dia. E sempre que eu morro me ressuscitam. Me encarnam me desencarnam me reencarnam. Me formam em menos de um segundo” (Stela do Patrocínio, em diagramação de sua fala por Viviane Mosé, 2001).

UMA IDENTIDADE TRANS

Foram as Travestis e Mulheres Transexuais que me ajudaram a entender a minha identidade de gênero. Lembro da primeira vez que ouvi “você tem possibilidades trans”. Naquele momento da minha vida eu não sabia como entender ou afirmar a minha identidade, sabia apenas que a categoria homem já não me representava mais em nada.

Eu estava diante de uma matriarca do movimento LGBTI+ e ela me disse “me perguntaram se você era uma pessoa trans, eu disse que não sabia, disse que você tinha possibilidades trans”.

Essa frase ficou ecoando na minha cabeça, porque as possibilidades podem ou não se concretizar, ela teve o cuidado de não me negar e nem me afirmar, de me colocar num lugar de interpelação comigo mesma, ao mesmo tempo de utilizar a sua sensibilidade histórica em olhar para o meu corpo e entender que eu já não estava mais dentro da cisgeneridade. Na Marcha Trans realizada em 2022 eu tive o prazer de reencontrar ela e agradecer por esse start na minha vida, seu nome é Neon Cunha, Mulher negra, ameríndia e transgênera, ativista independente, questionadora da branquitude e da cisgeneridade tóxicas.

De lá para conheci a Não Binariedade como a identidade que mais se aproximava da forma como eu lia a minha identidade e como gostaria de estar no mundo. Estive presente em muitos debates e embates sobre como essa identidade tem sido lida e definida socialmente. Percebi que ela despertou sentimentos múltiplos e plurais nas pessoas pertencentes a comunidade LGBTI+. No início quando começou a ser popularizada essa foi entendida por muitas como uma identidade risível, de quem não tem coragem de se assumir ou transicionar, de quem usa saia ou batom só na faculdade, de quem se monta e desmonta, uma identidade sem consistência, de pessoas burguesas e classistas, uma mera expressão de gênero ou uma pessoa que em breve fará sua transição completa.

Historicamente no movimento LGBTI+ as Travestis, Mulheres Transexuais e Homens Trans lutaram pelo seu reconhecimento, sua humanidade, seus direitos, pelas políticas públicas, pelas leis e diretrizes, direito a saúde, enfrentaram o fogo cruzado das próprias discordâncias para perceber em que momento suas pautas se cruzavam, destoavam ou se interseccionavam. Essas foram por muito tempo as únicas identidades transexuais e travestis reconhecidas e lidas socialmente. A inserção das identidades Não Binárias, Transmasculinas, Transfemininas, entre outras identidades trans, emerge com mais força nesta fase histórica procurando se aliar, se organizar, entender e somar forças. Mas o que é, não é e o que pode ser a Não Binariedade?

A não-binariedade não é o desconforto ou mesmo a recusa de certos aspectos pontuais impostos pela cisgeneridade, mas a desidentificação

total com todo o ideal regulador colonial binário, usado para aterrorizar y chantagear as pessoas, sobretudo as que desertam (consciente ou não) o binarismo de gênero. a não-binariedade, assim como a transgeneridade, são identidades oposicionais, ou seja, não se definem por uma substância ou atributo que uma pessoa "carrega" ou "possui", mas por uma relação de recusa "sistêmica". pessoas trans são pessoas que não se enquadram y recusam completamente a cisgeneridade, pessoas não-binárias são pessoas que não são nem homens nem mulheres. duas formas diferentes de enunciar y abrir a fuga do binarismo de gênero (LEAL, 2021).

Diante dessa enunciação podemos destacar pontos importantes sobre a Não Binariedade. O primeiro deles é que a Não Binariedade não está expressa necessariamente numa estética lida como “andrógina”, ou mesmo que mescla aspectos lidos como feminino ou masculino, não se define por um padrão daquilo que pode ou deveria ser, assim como todas as identidades trans, travestis e transexuais. O segundo ponto é que se reconhecer como uma pessoa Não Binária é recusar as categorias homem e mulher como enquadramento, reconhecimento ou leitura da sua identidade, não como uma desidentificação parcial, mas total. O terceiro ponto é que diante destes dois levantamentos acima podemos afirmar que a Não Binariedade é uma identidade, assim como todas as outras, que necessita de uma autodeterminação. Não somos nós que a olho nu definimos quem é ou não é Não Binário, essa não é uma expressão de gênero, é uma identidade. O quarto ponto que precisa ser destacado é o reconhecimento da Não Binariedade como uma identidade Trans.

Ao longo da história as Travestis, Mulheres Transexuais e Homens Trans lutaram pela despatologização das suas identidades, lutaram contra estereótipos que colocaram hierarquias e distinções de gênero em quem era a mulher de verdade, o homem de verdade, a farsa, o original, com base nas cirurgias, hormonização, retificação e uma série de outros elementos utilizados pela cisgeneridade para deslegitimar as identidades. De toda essa luta talvez o ponto mais importante seja a autodeterminação de gênero como condutora deste processo, fazendo com que não exista uma cartilha a cumprir do que é ser uma travesti, mulher transexual, homem trans, transmasculino, transfeminino ou Não Binária.

Muitas pessoas associam não binariedade a uma certa "androginia", como se não binariedade necessariamente fosse sobre mistura entre masculino e feminino. Embora essa possa ser uma narrativa para algumas pessoas não binárias, não deve ser generalizada.

Pessoalmente, me afirmo uma pessoa não binária como uma recusa não só aos binarismos de gênero, mas todas demais lógicas da monocultura. Para mim, não ser crente nas mitologias de gênero não se trata de recusar uma versão do masculino ou uma do feminino e construir outras masculinidades e feminilidades. Não, reafirmo minha desistência dessas lentes, independente dos matizes com que se apresentem (NUNEZ, 2022).

A luta pela autodeterminação de gênero é justamente uma luta contra a imposição da cisgeneridade que garante que o genital é quem define o gênero, a luta contra tudo aquilo que deslegitima a autodeterminação e impede que as pessoas possam modificar, recusar, reconstruir ou alterar suas identidades de gênero. Para além do Brasil e do movimento LGBTI+ outros gêneros para além do masculino/feminino sempre existiram e foram uma realidade ao redor do mundo.

Ao redor do mundo existem identidades que não vivenciam gênero de acordo com o binarismo do mundo ocidental. Para essas culturas, existem mais do que apenas homens e mulheres e a maioria delas se construiu fora da branquitude, incluindo povos originários, indígenas e pessoas negras. Muitas dessas formas de existir que vão além do gênero binário foram punidas e perseguidas durante a colonização. Por exemplo, na Índia, as hijras, consideradas como um terceiro gênero, foram classificadas como criminosas em 1871, no Criminal Tribes Act durante a colonização britânica. Embora tenham sido feitas tentativas para reprimir suas culturas, elas ainda existem hoje. O povo Māhū, por exemplo, resistiu apesar de 200 anos de colonização e continua a ocupar um lugar importante na sociedade havaiana que respeita a diversidade de gênero. E embora essas identidades continuem presentes e algumas sejam respeitadas, hoje eles continuam sofrendo discriminação, perseguições e repressão na tentativa de apagarem suas existências. Resistir as tentativas de colonização e imperialismo identitário tem sido uma tarefa bastante difícil. Mas somente através da construção de uma identidade política consolidada é que tem sido possível o enfrentamento das estruturas. E até hoje elas seguem firmes, com uma identidade própria, que se expressa não apenas na sua cultura, mas na construção de uma estética que facilmente pode ser facilmente identificada nas suas formas de manter as próprias tradições que são passadas de geração para geração (BENEVIDEX, 2021).

Mahu, Muxes, Fa'afafini, Two Spirits, Hijras, Leitis, Fakaleitis, Bakla, entre muitas outras identidades culturais e ancestrais ao redor do mundo, as identidades consideradas o terceiro gênero sempre existiram, para além do cristianismo e das formas punitivistas da colonização. Isso nos faz pensar que a Não Binariedade não é uma identidade recente, ela é transcestral, visto que a Não Binariedade é justamente a desintificação total em ser homem ou mulher. Que a construção de significados e representações acerca do termo da Não Binariedade pode ser algo recente, mas não

estamos inventando a roda, nem tampouco enviesando a roda, essa é uma luta ancestral contra a cisgeneridade compulsória, as possibilidades de não ser, do enquadramento binário, da ausência de liberdade, de construção de uma identidade fora da norma. Devemos compreender que para a Não Binariedade não há um ponto de chegada, talvez seja preciso “morar na indefinição” (MOMBAÇA, 2018).

Se a Não Binariedade é justamente essa recusa, essa outra forma de estar no mundo, se ela parte da autodeterminação, se é uma luta contra a imposição da cisgeneridade, por que ela não seria uma identidade trans? Ou por que não poderíamos ler a Não Binariedade como parte desta luta? E aqui uma provocação para as pessoas Não Binárias que recusam o pertencimento desta identidade na categoria trans, quais são os motivos plausíveis para não integrar essa luta ou se reconhecer dentro dela?

A NECESSIDADE DE ARTICULAÇÃO POLÍTICA

Historicamente a composição da linguagem e das palavras que representam as identidades de gênero que conhecemos hoje não estiveram sempre presentes na história. O que não quer dizer que do ponto de vista da existência, essas corporalidades, pessoas e identidades não existiam, mas que pelo contrário, já existiam, questionavam a cisgeneridade, a binariedade, reivindicavam seus espaços e tumultuavam os limites estabelecidos pelo gênero e pela normalidade.

As palavras emergem, mas as existências são transcestrais, assim como nos elucidava Renata Carvalho (2022) quando utiliza este termo para falar sobre a historicidade da população trans e travesti. Vasculhando a história do movimento LGBTI+ percebemos que as Travestis e Mulheres Transexuais eram tratadas muitas vezes no masculino, ou enquadradas como homossexuais, homens trans eram lidos como sapatão ou “lésbica caminhoneira”, o próprio termo Não Binário era praticamente inexistente e não utilizado. Mas onde estavam esses corpos que borram a binariedade e buscavam outras formas de representar sua identidade? Keila Simpson narra no site da ANTRA (Associação Nacional de Travestis e Transexuais) como foi em 1992 a fundação da ASTRAL (Associação de Travestis e Liberados) e o primeiro evento público organizado.

Assim no início de 1993 aconteceu, na cidade do Rio de Janeiro, o I Encontro Nacional de Travestis e Liberados que Atuam na Prevenção da Aids – ENTLAIDS, organizado pelo grupo ASTRAL. Esse encontro além de muitas parcerias contou com o apoio do Instituto de Estudos da Religião – ISER. Ele foi importante, pois contou com a participação de representantes de vários estados cujos grupos organizados, em sua maioria, era composto apenas por gays e lésbicas, as lideranças travestis eram bem poucas, assim como poucos também eram os grupos liderados por travestis: além do grupo ASTRAL no Rio de Janeiro havia o Grupo Esperança em Curitiba, ambos com travestis na direção e também como público-alvo. No entanto, conseguiu-se mobilizar algumas travestis que se tornariam importantes lideranças em outros estados (...) No entanto, em 1997 foi necessário pensar em como aumentar o número de pessoas participantes dessa rede, percebeu-se a necessidade de atuar com um pouco mais de agilidade, pois as representantes ainda não tinham tomado a devida noção da importância de se trabalhar em rede e de forma unificada. O ponto central das discussões foi a ampliação da rede e como trazer os liberados, o “L” da sigla do ENTLAIDS, para dinamizar a articulação. Assim o nome foi modificado para Rede Nacional de Travestis e Liberados – RENTRAL (KEILA SIMPSON SOUSA).⁶

Quem eram os liberados? Segundo Keila Simpson, eram todos aqueles e aquelas que não se reconheciam como travestis ou mulheres transexuais, mas que estavam integrados ao movimento, as pautas e a discussão. Desta forma, podemos pensar que atrás desse termo temos uma multiplicidade de identidades de gênero e orientações sexuais, o que nos possibilita pensar que as pessoas Não Binárias dessa época se denominavam de formas múltiplas ou simplesmente não se denominavam, eram demarcados como bixa, viado, sapatão, andróginas, uma série de outros nomes, mas sempre existiram.

No entanto, Keila já aponta essa necessidade de aumentar o número de pessoas participantes dessa rede, de construir um movimento massivo, com agilidade, de trabalhar em rede, de forma unificada, com lideranças travestis e transexuais, que muitas vezes estavam em outros grupos liderados por gays ou lésbicas. Esse chamado ancestral se torna ainda atual, se pensarmos que a incorporação da Não Binariedade dentro da luta das travestis, mulheres transexuais, homens trans e demais identidades trans pode significar um expressivo aumento de pessoas se posicionando politicamente como questionadoras do sistema cis-heteroterrorista, lutando pelas suas vidas e pela sua emancipação enquanto sujeitos.

⁶ Texto “E assim nasceu o movimento nacional de Travestis e Transexuais”, publicado no site da ANTRA na aba História, disponível em: <https://antrabrasil.org/historia/>

O que precisamos enquanto identidades trans não binárias é reconhecermos a historicidade das travestis, mulheres transexuais e homens trans dentro do movimento LGBTI+, saudar a sua força, suas conquistas, ter sensibilidade, humildade, escuta ativa diante das suas pautas e procurar superar essa lacuna onde a Não Binariedade seja desconsiderada como uma identidade pertencendo a comunidade trans. Compor com essa luta possibilidades outras, entender onde somos atravessades interseccionalmente. Pessoas Não Binárias são brancas, negras, indígenas⁷, asiáticas, ciganas⁸, tem corpos diversos, menstruam, engravidam, se hormonizam, utilizam nome social, realizam alteração no seu registro civil, travam batalhas pela inserção da sua identidade de gênero na certidão de nascimento, visto que esse tipo de alteração só é possível a partir de uma decisão judicial. Essa demanda política é histórica e hoje é possível afirmar que é somente através da construção de uma identidade política consolidada que será possível o enfrentamento das estruturas.

Indianarae Siqueira, ativista histórica do movimento LGBTI+, criadora da Casa Nem no Rio de Janeiro, retificou, neste ano de 2022, seus documentos em Paranaguá (PR), sua cidade natal no Paraná, para o gênero Não Binário. Indianarae esteve presente na primeira parada LGBTQIA+ do Brasil; nos primeiros decretos por nome social para pessoas trans e travestis; nos primeiros congressos de saúde pública e manifestações por igualdade de gêneros e em muitos outros momentos históricos. Em entrevista a UOL disse “É o reconhecimento de uma luta de quase 30 anos. É um alívio não precisar escolher um gênero e é revigorante saber que as novas gerações nascerão sem essa obrigação”.⁹

A COBRA E A ENCRUZILHADA

O mundo demarcado e riscado na sua construção binária. O bem e o mal, o vilão e o mocinho, o protagonista e o antagonista, deus e satanás, o céu e o inferno, a cabeça e o corpo, a razão e a emoção, o objetivo e o subjetivo, o interior e o exterior, o visível e o

⁷ Ver o documentário “Sempre Existimos”, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6EDEFE-23GE>

⁸ Ver a cartilha Diversidades Ciganas vol 1: Gêneros e Sexualidades, elaborada pelo Coletivo Ciganagens, disponível em: <https://www.instagram.com/p/CaSXKn3rorS/>

⁹ Entrevista disponível no link: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2022/02/26/apos-ameacas-e-8-detencoes-ativista-conquista-documentos-como-nao-binario.htm>

invisível. O mundo desencantado da possibilidade de enxergar as suas frestas, seus cortes, suas imprevisibilidades por onde se tangencia o que era inesperado, os meandros que se fazem para além, do além, do além de Estamira¹⁰.

Na cosmogonia yorubá Exu é orixá responsável pelas contradições, pelas frestas e encruzilhadas, pelas impossibilidades possíveis, quem “prende água na peneira, guarda o mundo na quartinha, galopa em galo de rinha, avoa em cobra rasteira”¹¹. Exu gargalha e ri da binariedade do mundo, caminha com seu chapéu metade preto e metade vermelho no meio da plantação fazendo brigar pela verdade absoluta quem o assiste de polos diferentes e quer definir a cor do seu chapéu. Exu é o indizível, assim como nós poderíamos ser. Por isso mesmo ele diz, quem anda em linha reta, não pode enxergar vereda.

A possibilidade de enxergar minha inexistência na mitologia, nas histórias, narrativas e no simbolismo do mundo me obriga a formular que entre Adão e Eva ou sou a Cobra, como no itan de Oxumaré onde Xangô o convida para o seu castelo e tranca todas as portas para lhe aprisionar, então Oxumaré se transforma em cobra e escorre pelo ralo, como quem não se permite ser capturado, como quem “toda nua, cheia, feito uma cobra rasteira, ela vem me visitar, canta pra subir, sobe pra levantar, levanta pra cair, rasteja pra golpear” (QUEBRADA, 2021)¹².

Assim eu desejo e me faço estar no mundo, não quero ser capturada, mesmo que todos os dias eu seja um pouco, pela própria significância das palavras, na forma como leem o meu corpo, como escolho meus pronomes, na forma como eu mesma contribuo para que essa binariedade se mantenha, na forma como me vejo presa dentro desse castelo esperando escorrer pelo ralo feito uma cobra rasteira.

Quero lutar ao lado das Travestis, Mulheres Transexuais, Homens Trans, Pessoas Intersexo e demais identidades não cisgêneras contra o sistema que enquadra, aprisiona, desumaniza e ceifa nossas vidas. Quero lutar em conjunto com um movimento massivo que entenda suas intersecções e consiga se articular contra o que

¹⁰ Ver o documentário brasileiro “Estamira” dirigido por Marcos Prado e produzido por José Padilha, lançado em 2005.

¹¹ Bravum de Elegbara (2020), de Moyseis Marques e Luiz Antonio Simas, interpretada por Fabiana Cozza, disponível no link: <https://www.youtube.com/watch?v=RhXGK9MnoDI>

¹² Cobra Rasteira (2021), de Linn da Quebrada, disponível no link: <https://www.youtube.com/watch?v=7Ei3Xkrh3ig>

nos barra, nos castra e nos limita. Eu acredito que a Não Binariedade possa compor essa luta transcestral, desde que tenhamos consciência de que somos transcestrais e precisamos nos organizar politicamente para combater as estruturas que ainda nos aprisionam mesmo quando querem fingir que nos libertam. Entre Adão e Eva somos a cobra e é possível serpentear e escapar como Oxumaré dos delírios do paraíso.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, Renata. **Manifesto transpofágico**. Editora Monstra, 2022.

LEAL, Abigail Campos Leal. **Pega a visão: toda pessoa Não Binária é uma pessoa trans**. 2021. Disponível no link: <https://www.instagram.com/p/CONnC7oHqQN/>

MOMBAÇA, Jota. **Morar na Indefinição**. Grupo de pesquisa e extensão África nas Artes (CAHL/UFRB), 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Doluws-0bjM>

NÚÑEZ, Geni. **Ex Mulher**. 2022. Disponível no link: <https://www.instagram.com/p/CYPtAghvzlx/>

RUBIN, Gayle. **O tráfico de mulheres: notas sobre a 'economia política' do sexo**. Recife, 1993. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/1919>

SOUSA, Keila Simpson. **E assim nasceu o movimento nacional de Travestis e Transexuais**. ANTRA. Disponível em: <https://antrabrasil.org/historia/>